

# Tempos modernos

*José Assad \**

O Brasil de hoje passa uma sensação semelhante à que o leitor de *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoiewsky, experimenta. Ao lê-lo se defronta com cenas crescentemente mais fortes, cujos negrimes de suas tintas dão a impressão de que pior não é possível. E é!

O Brasil, em 1989, gastava em saúde a insignificante quantia de US\$ 54,84, *per capita*, contra US\$ 600 do Reino Unido, US\$ 900 dos Estados Unidos e US\$ 1.400 do Canadá e da Suécia. Nesta área consumiam-se de 2,5% a 3% do PIB, contra 5,6% da Argentina, 8% do Canadá, Inglaterra e França e 12% do PIB dos Estados Unidos.

Se estabelecermos comparações com países da América do Sul veremos que o Brasil só destina percentual orçamentário para saúde maior do que o da Colômbia, perdendo mesmo para o Peru, a Bolívia e o Chile.

Com estes números preocupantes, constatamos, ainda, que este setor fora infelicidade pela presença do ministro Alcení Guerra, tão incompetente quanto intemperado, que o levou à situação de ruína, aniquilando estruturas sem as substituir, destruindo serviços sem oferecer alternativas. Ele comandou o desmantelamento do Programa de Imunogenética de Transplantes de Órgãos (Pito), somente pelo vislumbre de pretender se apresentar como o rolo compressor do Brasil Novo, um autêntico desmonte que, impellido pelo desequilíbrio de suas ações, derrubou as esperanças dos profissionais de saúde, em particular, e da população, em geral.

Encerrada a gestão Alcení, os estra-

gos perduram. Foi durante o seu reinado que o Inamps deixou de comprar próteses e órteses para seus segurados, fazendo com que aqueles que dependessem de um marcapasso cardíaco tivessem sua qualidade e seu tempo de vida deteriorados e comprometidos.

No mesmo período, o Inamps interrompeu o fornecimento de Ciclosporina, medicamento indispensável à sobrevivência dos pacientes que receberam um órgão transplantado. Essa é outro crime hediondo contra a vida, além de ser um despautério administrativo e econômico.

Hoje se encontram apavorados, pacientes e seus familiares, muitos deles já condenados outra vez ao angustiante ritual da hemodiálise.

Se apelarmos para a aritmética, constataremos ser muito mais interessante para o governo dar a Ciclosporina do que manter o paciente em processo dialítico. Cada paciente necessita de 12 banhos mensais, a US\$ 48 cada, perfazendo gasto de US\$ 576/mês, contra US\$ 255/mês, que é o preço de um e meio vidro de Ciclosporina consumido por cada paciente.

Só aí a economia é de US\$ 321 por paciente/mês, sem se levar em conta o retorno ao martírio de novos banhos, e que sem Ciclosporina o índice de rejeição aumenta de 15% a 20%. Por outro lado, estudos americanos têm mostrado que pacientes em hemodiálise num período de sete anos consomem de US\$ 180.000 a 200 mil e que, em igual período, pacientes transplantados gastam apenas US\$ 70 mil, o que representa uma economia de US\$ 110 mil por paciente, ou seja, US\$ 15.400/ano/paciente

Iniciamos pelo argumento matemático porque algumas autoridades só se tangem pela sensibilidade numérica.

O que não é lícito esquecer é que a cidadania, definida como o direito a ser ter direitos, está agredida por estas insanidades que lesam a vida, a saúde e a felicidade das pessoas, num país onde o preço da vida está mais cadente que o valor de sua própria moeda.

A este filme a humanidade já tem assistido. No regime hitlerista pregava-se o arianismo, raça pura e superior, onde os deficientes físicos e mentais deveriam ser eliminados. *Mutantis* é o mesmo que se vem fazendo com os doentes renais e os cardiopatas, entre outros. Impõem-se uma solução imediata. Não há argumento administrativo que justifique novas rejeições de órgãos, nem tampouco morte de pacientes bloqueados, cujo único tratamento é a instalação de marcapasso cardíaco.

É hora de repudiarmos este homicídio e não permitirmos que junto com estas mortes a cidadania seja também inumada.

Luther King disse que "a nossa geração não lamenta tanto o crime dos perversos quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos". Não nos transformemos em bondosos silentes, especialmente em um país cujo texto constitucional, em seu artigo 196, diz que "saúde é um direito de todos e dever do estado". Cria, leitor! Está escrito em nossa Carta Magna.

---

*\*Diretor do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, ex-secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro*